



## Romeiros de São Miguel 500 Anos



Irmão António Pedro Costa

Iremos, no próximo ano, assinalar os 500 anos das romarias quaresmais de S. Miguel, uma data simbólica que marca o terrível terramoto de 1522, ocorrido na antiga capital da ilha, Vila Franca do Campo, considerada a maior catástrofe natural da história insular açoriana e a segunda maior de Portugal. As Romarias ou como antigamente eram conhecidas as “Visitas às Casas de Nossa Senhora” é uma prática que não se sabe ao certo como começaram, é certo, mas presume-se que tenham como causa as calamidades resultantes daquele terramoto, ou mesmo da peste de 1523/31 que assolou a ilha, mas com segurança ainda nada se sabe como principiaram e se generalizaram ao ponto de toda a ilha aderir a esta manifestação de fé.

A ilha é, anualmente, palmilhada pelos romeiros, durante cinco semanas, todos os dias da Quaresma, pelas estradas e caminhos sinuosos da

ilha de São Miguel por grupos de homens que caminham e rezam em voz alta, numa peregrinação, a que dá-mos o nome de Romeiros, saindo das suas paróquias todos os anos pelo período quaresmal, para reafirmar a sua fé e em muitos

casos para agradecer a Deus as graças recebidas.

Em S. Miguel, o tempo quaresmal assume particularidades ancestrais, mormente com as romarias, que intrinsecamente possuem uma mística difícil de explicar, ao ponto de

um romeiro que vai um ano, quer ir sempre mais e mais. Conheço até quem não possa, por circunstâncias várias, integrar o rancho, num determinado ano e fica pesaroso por ficar atrás, mas faz a romaria em espírito, pois sabe em pensamento e em qualquer hora do dia por onde andam os seus “irmãos” e muitas vezes vai ao encontro deles.

Sobre as suas origens, há diversas versões, havendo, no entanto, registo desde a idade média de que todos os anos grupos compostos só por homens, provenientes de muitas freguesias e vilas, palmilham a ilha por atalhos e caminhos secundários menos movimentados, orando e cumprindo promessas, por montes e vales, arrostando vento, frio e copiosas chuvas intempestivas, durante uma longa semana invernal, mas cheia de calor humano, partilha e grande generosidade e cordialidade. O espírito das romarias soa sempre mais for-

te e os micalenses mostram que têm uma alma grande, do tamanho do céu.

Muitos vêm propositadamente do Canadá e dos Estados Unidos, integrando as romarias e carregando consigo apenas um saco com o essencial e vão pernoitando em casas de famílias que os acolhem, ou em salões de igrejas e instituições que se oferecem para receber os peregrinos. A religiosidade do povo açoriano traduz-se também nestas manifestações de fé no cumprimento de promessas.

Na casa em que são acolhidos é hábito os romeiros lavarem os pés doridos, aproximando-se do ritual religioso da Última Ceia de Jesus, sendo servido um jantar, onde todos comem como irmãos. É uma marca da nossa tradição que identifica a nossa maneira de ser e de estar de ilhéus. Por isso, temos que respeitar este tipo de religiosidade popular, que deveria antes ser aproveitada pela hierarquia religiosa para um aprofunda-



## O Romeiro e as Romarias

IRMÃO ANTÓNIO PEDRO COSTA

FERNANDO RESENDES

Longe vão os tempos em que, nas diversas localidades da ilha, se juntavam homens para formarem um Ranho de Romeiros, que, em determinada data, e, após alguns conselhos úteis e ensaio de cânticos, partiam a revelar a responsabilidade dum mestre, conhecedor dos caminhos e trilhos a percorrer bem como de orações a fazer nas igrejas e ermidas existentes no percurso.

Grças à coordenação de alguns responsáveis, iniciados nos anos oitenta, com posterior criação dum Grupo Coordenador, bem como da criação dum Regulamento, aplicável a todos os ranchos da ilha, foram aperfeiçoados alguns modos de proceder, incluindo a criação do Movimento dos Romeiros de S. Miguel, que, após a aprovação pelo senhor Bispo da Diocese, passou a ser um Movimento Diocesano, orientador de cada rancho e de cada romeiro no que se refere à sua maior participação na vida dum cristão.



Norberto Leite

Deste modo, aquele que se diz romeiro, não deve ter em mente apenas a sua participação na romaria anual, mas sim, ter esta como o culminar da sua vida de cristão responsável e ciente dos seus deveres como tal, pelo que, no meu modo de ver, o verdadeiro romeiro, é aquele que, ao fazer a sua romaria, deve ver nela um retiro espiritual, apreciar a irmandade e a união existente naquela semana bem

como a partilha e o exemplo de tantos, que por vezes ignora. Nas suas meditações, apreciar a natureza, vendo nela a grandeza do Deus criador e ter sempre presente que Cristo se reflecte em cada irmão que o rodeia. No cansaço e sofrimento de cada dia, abrir o espírito e a mente para escutar, com o coração, todas as preces e orações da caminhada e, sobretudo, rever e tomar consciência da sua vida no pós-romaria.

Não há romaria sem romeiros, nem romeiros sem romaria, atendendo que cada um de nós é romeiro da “romaria” da vida e, a participação numa romaria quaresmal, na oração, na penitência, no sofrimento e na meditação, tem por finalidade o aperfeiçoamento da “romaria da vida”. Se assim não for, foi em vão a participação na romaria quaresmal. ♦

Nordeste,  
26 de Setembro de 2021

NORBERTO LEITE

